

Perfil dos nefrologistas no Brasil*

Maria Helena Machado^a, Luiz Felipe Pinto^a, Alan Castro^b e João Cenzi^c

^aEscola Nacional de Saúde, Fiocruz

^bDepartamento de Defesa Profissional da Sociedade Brasileira de Nefrologia

^cOctagon

Endereço para correspondência:

Departamento de Administração e Planejamento em Saúde

Rua Leopoldo Bulhões, 1480, 7º andar, salas 702/714

21.041-210 Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil

*Artigo elaborado a partir do banco de dados Nefrodata, referente à pesquisa: "Perfil dos nefrologistas no Brasil", realizado pela Sociedade Brasileira de Nefrologia, em 1998. Em caráter complementar, foram também utilizados dados da pesquisa "Perfil dos médicos no Brasil", realizado pela Fundação Oswaldo Cruz/ Conselho Federal de Medicina, em 1995/96.

Introdução

A partir da pesquisa Perfil dos Médicos no Brasil, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz^{**}, em 1995/96, foi possível conhecer a situação dos médicos que atuam no sistema de saúde brasileiro, seja na esfera privada ou pública. Pela utilização de um questionário distribuído entre os médicos selecionados em uma amostra nacional, a pesquisa buscou caracterizar o perfil desses profissionais, abordando os seguintes itens: (a) aspectos socioeconômicos; (b) formação profissional; (c) acesso à informação técnico-científica; (d) o mundo do trabalho; (e) a mulher no exercício da profissão; (f) participação sociopolítica; (g) Mercosul.

Buscando complementar o estudo para o todo o país e conhecer a realidade dos médicos nefrologistas, a Sociedade Brasileira de Nefrologia realizou uma enquete entre seus associados, aplicando um questionário que continha questões que detalhavam mais o perfil dos nefrologistas.^{***} Dessa forma, foi possível associar esses dois bancos de dados e traçar o perfil desses profissionais.

Antes de se analisar os dados referentes aos nefro-

logistas, serão abordados, em linhas gerais, alguns traços do *Perfil dos Médicos no Brasil*.

A profissão médica no país é eminentemente jovem, ou seja, 65,8% do contingente médico têm menos de 45 anos de idade, somando-se apenas 8,6% com mais de 60 anos. A maioria buscou fazer sua formação profissional em instituições públicas (66,4%). Além disso, 74,1% dos médicos cursaram um programa de residência médica, e mais da metade possui título de especialista. Na esfera do mundo do trabalho, é elevado o número de profissionais que atuam em três ou quatro atividades, distribuídos da seguinte forma: 69,7% têm emprego público; 59,3% têm atividade no setor privado; e 74,7% fazem consultório. Além disso, há um elevado percentual (48,9%) de médicos que desempenham a função de plantonistas. No entanto, mesmo com múltiplas atividades, em geral os médicos no Brasil continuam recebendo rendimentos mensais baixos, não ultrapassando US\$ 1.500.

A pesquisa *Perfil dos Médicos no Brasil*^l revela ainda alguns dados importantes sobre a distribuição regional desses profissionais no país, apontando para algumas dicotomias.

- *Primeiro*: o Brasil é constituído em sua maioria por clínicos gerais, pediatras, cirurgiões gerais, gineco-obstetras, anestesistas e ortopedistas.
- *Segundo*: enquanto a pediatria e a gineco-obstetrícia representam, respectivamente, 13,4% e 11,8%, a neurologia, a hematologia, a cancerologia e a própria nefrologia não passam de 1% (cada uma delas) do contingente médico existente hoje no Brasil.
- *Terceiro*: a região Sudeste concentra a maioria absoluta das especialidades "finas" existentes no sistema de saúde brasileiro, ou seja, os cirurgiões plásticos,

^{**}Para maiores detalhes, ver Machado MH et al. Perfil dos Médicos no Brasil. *Relatório Final (Médicos em Números)*. Vol. I. Brasil e Grandes Regiões. Rio de Janeiro: Fiocruz/CFM/MS-PNUD; 1996; e também Machado MH. *Os médicos e sua prática profissional: as metamorfoses de uma profissão*. [Tese]. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 1996.

^{***}Foram entrevistados 334 nefrologistas cadastrados na Sociedade Brasileira de Nefrologia, no período de setembro de 1998 a fevereiro de 1999. Foram respondidos 183 questionários acessados pelo GER (via Nefrodata) e recebidos 151 pelo Boletim da SBN enviados por mala direta. A Nefrodata processou e produziu os relatórios, cujos dados são aqui apresentados

Machado MH et al - Perfil dos nefrologistas no Brasil

Tabela I
Médicos por grandes regiões segundo especialidade principal de atuação - Brasil - 1995

Especialidade Principal	Grandes Regiões					Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C-Oeste	
Administração Hospitalar	121	417	885	53	81	1.557
Alergia/Imunologia	21	73	285	82	37	498
Anestesiologia	288	1.265	5.870	1.423	727	9.573
Angiologia	25	203	197	22	25	472
Broncoesofagologia	2	53	350	83	0	488
Cancerologia	19	248	825	386	81	1.559
Cardiologia	147	1.141	5.793	1.165	613	8.859
Cirurgia Cabeça e Pescoço	35	46	542	63	54	740
Cirurgia Cardiovascular	52	175	1086	169	43	1.525
Cirurgia Geral	357	1.758	5.280	1.747	907	10.049
Cirurgia da Mão	16	128	462	5	8	619
Citopatologia	0	249	276	91	43	659
Cirurgia Pediátrica	64	302	1.665	282	106	2.419
Cirurgia Plástica	94	361	2.283	476	181	3.395
Cirurgia Torácica	33	233	342	130	40	778
Cirurgia Vascular	48	392	1.254	395	197	2.286
Dermatologia	188	604	1.965	585	148	3.490
Eletroencefalografia	59	107	674	161	23	1.024
Endocrinologia/Metabolismo	27	288	1.350	233	156	2.054
Endoscopia Digestiva	38	111	355	167	45	716
Fisiatria	0	12	371	84	32	499
Gastroenterologia	47	291	1.533	282	124	2.277
Genética Clínica	0	0	108	5	11	124
Geriatría e Gerontologia	0	103	162	93	20	378
Gineco-Obstetrícia	694	3.532	12.457	3.230	1.662	21.575
Hansenologia	11	10	87	0	25	133
Hematologia	36	219	612	137	37	1.041
Hemoterapia	0	86	317	31	4	438
Homeopatia	17	145	1.904	222	140	2.428
Infectologia	126	120	832	124	47	1.249
Mastologia	0	88	86	39	0	213
Medicina do Trabalho	87	454	3.046	597	143	4.327
Medicina do Tráfego	3	0	237	4	20	264
Medicina Esportiva	0	0	214	5	0	219
Medicina Interna	481	2.781	7.375	2.739	1.290	14.666
Medicina Legal	71	91	84	94	38	378
Medicina Nuclear	0	58	0	9	16	83
Medicina Sanitária	150	540	910	309	105	2.014
Medicina Geral Comunitária	393	947	2.039	1.009	424	4.812
Nefrologia	22	314	719	554	90	1.699
Neurocirurgia	27	80	1.093	228	59	1.487
Neurofisiologia	0	51	37	56	0	144
Neurologia	33	223	1.345	194	98	1.893
Neurologia Pediátrica	18	102	382	258	37	797
Nutrologia	3	10	75	32	0	120
Oftalmologia	179	1.086	4.018	835	382	6.500
Ortopedia e Traumatologia	153	895	4.423	886	457	6.814
Otorrinolaringologia	65	272	1.827	535	226	2.925
Patologia	41	150	968	120	113	1.392
Patologia Clínica	91	175	618	50	64	998

Machado MH et al - Perfil dos nefrologistas no Brasil

(Tabela 1 - continuação)

Especialidade Principal	Grandes Regiões						Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C-Oeste		
Pediatria	739	4.163	14.143	3.647	1.958	24.650	
Pneumologia	132	490	692	251	59	1.624	
Proctologia	19	107	329	58	83	596	
Psiquiatria	106	1.114	3.164	1.549	191	6.124	
Radiologia	24	578	2.334	508	230	3.674	
Radioterapia	0	52	190	77	33	352	
Reumatologia	21	125	757	146	63	1.112	
Sexologia	0	0	7	0	0	7	
Terapia Intensiva	16	205	1.202	104	143	1.670	
Tisiologia	3	0	159	0	17	179	
Urologia	83	257	1.483	429	154	2.406	
Outras	12	211	372	117	29	741	
Ignorada	161	958	3.115	743	293	5.270	
Total	5.698	29.249	107.565	28.108	12.432	183.052	

Fonte: Machado et al (1996:89) a partir dos dados da Pesquisa "Perfil dos Médicos no Brasil". Fiocruz/CFM

os cardiovasculares, os mastologistas, os neurocirurgiões, os radioterapeutas, entre outros (Tabela 1).

Os nefrologistas

Perfil sociodemográfico

Constituindo-se em 1.699 profissionais em todo o território nacional¹ e necessitando, quase sempre, de equipamentos sofisticados e de alta tecnologia, a ne-

Ao analisar os dados do Nefrodata (1998) referentes à distribuição por regiões brasileiras, esse fato torna-se ainda mais evidente: cerca de 80% de todos os nefrologistas, no Brasil, estão nas regiões Sudeste e Sul. Mais especificamente, 43,0% desses profissionais estão localizados em dois estados: Rio de Janeiro (17,3%) e São Paulo (25,7%). O Sul dispõe de 22%, distribuídos pelos estados do Rio Grande do Sul (11%), Santa Catarina (6,2%) e Paraná (5,2%). Já a Região Nordeste apresenta um reduzido número desses especialistas, com destaque para Pernambuco (4,1%) e Bahia (3,2%).

Atualmente o que se pode verificar no Brasil é uma alta concentração de profissionais atuando nas capitais. "O indicador *médicos/1.000 habitantes* (...) sugere a existência de uma heterogeneidade na distribuição de médicos em todos os Estados do Brasil, com destaque para as regiões Sudeste e Sul. Nas capitais dessas regiões, os números atingem níveis de países desenvolvidos, ao passo que em vários municípios brasileiros (...), as estimativas observadas retratam níveis de países subdesenvolvidos.² A concentração dos médicos nos grandes centros urbanos brasileiros acompanha a distribuição da renda nacional, bem como a localização de grande parte da capacidade instalada de estabelecimentos de saúde e de educação: 78% dos profissionais estão exercendo suas

Sexo	Capitais		Interiores		Total	
	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)
Homens	701	61,8	433	38,2	1.134	100,0
Mulheres	469	83,0	96	17,0	565	100,0
Total	1.170	68,9	529	31,1	1.699	100,0

Fonte: Pesquisa "Perfil dos Médicos no Brasil". Fiocruz/CFM.

frologia está incluída entre as especialidades "finas", concentrando suas atividades em regiões mais desenvolvidas do país (Tabela 2).

*Ver, a propósito, o artigo de Oliveira e Pinto (1996) que trata da questão da capacidade instalada dos estabelecimentos de saúde no Brasil no período 1980/1992.

Machado MH et al - Perfil dos nefrologistas no Brasil

atividades em apenas sete (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Pernambuco) das vinte e sete unidades da federação.*³

Da mesma forma, segundo dados do Nefrodata (1998), observa-se que essa especialidade é praticada por 70% de profissionais do sexo masculino, o que a caracteriza como uma atividade basicamente masculina.

No que se refere à idade dos médicos, evidencia-se a característica “jovem” verificada no perfil nacional, salientando o aspecto geracional dos nefrologistas, ou seja, mais de 70% têm menos de 45 anos, sendo

Faixa Etária	V.Abs.	(%)
Até 29 anos	244	14,3
De 30 a 34 anos	432	25,4
De 35 a 39 anos	375	22,1
De 40 a 44 anos	207	12,2
De 45 a 49 anos	217	12,8
50 anos ou mais	224	13,2
Total	1.699	100,0

Fonte: Pesquisa “Perfil dos Médicos no Brasil”. Fiocruz/CFM.

poucos os especialistas na faixa etária superior a 50 anos (Tabela 3). Poder-se-ia dizer que os nefrologistas no Brasil são frutos dessas últimas gerações.**

Os dados do Nefrodata (1998) enriquecem a análise do perfil sociodemográfico, uma vez que apontam para o fato de que 77,8% são casados e apenas 15,2% são solteiros. Têm em média dois filhos e seus pais não possuem curso superior. Em seus domicílios, em

Década de Formatura	(%)
Até a década de 1950	1,5
Década de 1960	6,5
Década de 1970	32,3
Década de 1980	39,7
Década de 1990	20,0
Total	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil dos Nefrologistas. SBN/Nefrodata, 1998.

Nota: Um médico não informou a década em que se graduou.

**Em resumo, os homens nefrologistas têm, em média, 43 anos; as mulheres, 39 anos.

média, duas pessoas têm trabalho remunerado.

Aspectos da formação profissional

Quanto à formação dos nefrologistas, pode-se dizer que o seu desempenho difere bastante do perfil nacional, especialmente no que se refere à formação de pós-graduação *latu e strictu-sensu* (Tabela 5), em que, segundo dados do Nefrodata (1998), mais de 70%

Modalidade	(%)
Residência Médica	72,6
Especialização	37,2
Mestrado	22,7
Doutorado	20,3

Fonte: Pesquisa Perfil dos Nefrologistas. SBN/Nefrodata, 1998.

dos nefrologistas fizeram residência médica, quase 40% têm curso de especialização e em torno de 20% têm mestrado e/ou doutorado.

Pinto^{4,5} (1999) ressalta que “as modalidades de pós-graduação *strictu-sensu* têm crescido entre os mais jovens, ou seja, 76% dos médicos (com doutorado e/ou mestrado) têm até 49 anos de idade.” Acredita-se que essa situação se configurará em uma tendência do mercado de trabalho, a qual demandará, cada vez mais, elevada qualificação para atuar em uma medicina tecnológica e altamente especializada.

Confirmando a política nacional adotada de centralização de recursos físicos e humanos nos grandes centros, observa-se uma concentração nas áreas urbanas de diversos programas de residência, com ênfase para a região Sudeste e Sul. Os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais destacam-se não somente pela quantidade mais pela grande diversidade de especialidades existentes, algumas das quais só aparecem nesses locais.

Entretanto, no exemplo dos nefrologistas, a proporção de médicos com residência é homogênea em todas as regiões brasileiras, o que confere a essa especialidade uma característica de controle sobre a atividade, ou seja, aqueles que atuam na área cursaram no mínimo um programa de residência médica em nefrologia (Tabela 6).

Campos et al, discorrendo sobre a questão do planejamento educacional em saúde no contexto do Mer-

Tabela 6

Médicos nefrologistas com residência médica segundo grandes regiões. Brasil, 1998

Brasil e Grandes Regiões	(%)
Norte	62,5
Nordeste	76,0
Sudeste	71,8
Sul	74,3
Centro-Oeste	71,4
Brasil	72,4

Fonte: Pesquisa Perfil dos Nefrologistas. SBN/Nefrodata, 1998.

cosul, apontam a necessidade de que esse considere um sistema de controle da formação e da distribuição de profissionais. Dessa forma, os diversos modos de acesso às instituições de ensino superior no Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai possuem uma grande relevância, uma vez que: “as restrições já em vigência através de *numerus clausus*, vestibulares e cobrança de matrículas significativas, já estão produzindo migrações de estudantes para aqueles centros de menores barreiras, o que sem dúvida há de se acentuar criticamente a partir da perspectiva de livre prática profissional entre os países.”⁶

Outro dado interessante refere-se ao acesso desses profissionais às revistas científicas da área, ou seja, a maioria tem acesso mensalmente a três revistas especializadas em nefrologia. Além disso, são usuários da Internet (82,3%), estando inscritos no GER 47,6%.

Aspectos do mercado de trabalho

No mundo do trabalho, esses especialistas apresentam traços semelhantes aos encontrados no contingente de médicos em geral, ou seja, atuam principalmente em três atividades: hospital privado, clínica de hemodiálise e consultório (Tabela 7). Por exemplo, a atividade em consultório é uma prática bastante difundida entre eles, especialmente se associada a outras atividades. De modo geral, os consultórios são mantidos por convênios, que, no caso dos nefrologistas, têm uma participação maior que 80%. Analisam Machado et al²: “algumas das especialidades mais freqüentemente associadas à prática no consultório com convênios são citopatologia, hematologia, fisioterapia, cancerologia, radiologia, fisiologia, alergia e imunoterapia. Por outro lado, as que estão menos associadas à prática mediante convênios são: genética clínica, hemoterapia, broncoesofagologia, homeopatia, angiologia, eletroencefalografia, psiquiatria, endoscopia digestiva, geriatria e gerontologia, infectologia, medicina do

Tabela 7

Médicos nefrologistas segundo local em que desenvolve suas atividades Brasil - 1998

Local onde desenvolve atividades profissionais	(%)
Hospital Público	26,0
Hospital Privado	48,5
Hospital Universitário	29,6
Hospital Filantrópico	27,8
Universidade (apenas)	3,5
Universidade mais outros lugares	25,4
Consultório (apenas)	0,8
Consultório mais outros lugares	64,9
Clínica de Hemodiálise (apenas)	1,1
Clínica de Hemodiálise mais outros lugares	59,2
Área de Transplante	32,3
Área de Pesquisa	25,4
Área de Hemodiálise	81,1
Nefrologia Clínica	92,5

Fonte: Pesquisa Perfil dos Nefrologistas. SBN/Nefrodata, 1998.

trabalho e nutrologia”.

Tomando os dados da pesquisa *Perfil dos Médicos no Brasil*, verifica-se que as atividades no setor público e no setor privado reforçam a importância desses dois setores de prestação de serviços de saúde para esse segmento médico especializado. No caso específico, ressalta-se a importância da assistência médica prestada pela rede pública, particularmente em se tratando de doentes crônicos renais. De especial atenção também é essa atividade desenvolvida no setor privado que se mostra de forma distinta do setor público, ou seja, enquanto nos interiores a iniciativa pri-

Tabela 8

Médicos nefrologistas por atividade nos setores público e privado segundo local de moradia - Brasil - 1995

Local de moradia	Atividade no setor público				Total	
	Sim	Não				
	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)
Capitais	1.041	89,0	129	11,0	1.170	100,0
Interiores	466	88,1	63	11,9	529	100,0
Total	1.507	88,7	192	11,3	1.699	100,0

Local de moradia	Atividade no setor privado				Total	
	Sim	Não				
	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)
Capitais	736	62,9	434	37,1	1.170	100,0
Interiores	521	98,5	8	1,5	529	100,0
Total	1.257	74,0	442	26,0	1.699	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil dos Médicos no Brasil. Fiocruz/CFM.

Machado MH et al - Perfil dos nefrologistas no Brasil

vada exerce hegemonia, nas capitais está menos presente, registrando “apenas” 62,9% de profissionais atuando neste setor (Tabela 8).

Os dados referentes à atividade em plantão merecem destaque na análise pelo elevado percentual de médicos

Tabela 9

Médicos nefrologistas por local de moradia segundo atividade em plantão Brasil - 1995

Atividade em plantão	Capitais		Interiores		Total	
	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)
Sim	686	58,6	428	80,9	1.114	65,6
Não	484	41,4	101	19,1	585	34,4
Total	1.170	100,0	529	100,0	1.699	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil dos Médicos no Brasil. Fiocruz/CFM.

do interior que adotam essa modalidade de atendimento: enquanto nas capitais, 58,6% desses fazem plantão, nos interiores esse índice atinge mais de 80% (Tabela 9).

De grande importância entre os nefrologistas, a clínica de hemodiálise representa um dos vínculos mais importantes da atividade desses profissionais. A relação com o centro de diálise varia desde empregado (45%) até sócio (34,1%) e mesmo proprietário (7,7%).

Diferentemente da média nacional, os nefrologistas tendem a ter rendimentos superiores aos verificados na maioria dos médicos do Brasil. A renda média estimada foi de US\$ 2.607 para aqueles que atuam nas capitais e US\$ 3.162 para os interiores (Tabela 10). A nefrologia está entre aquelas especialidades que conferem rendas superiores a nacional aos médicos, não só pela “escassez” de especialistas no mercado, como, e principalmente, pelos altos custos que caracterizam os atos médicos ne-

frológicos. Os altos custos operacionais, a tecnologia de ponta que reveste o ato médico e a correlação “oferta/demanda” propiciam, a esse segmento da medicina, diferenciação de mercado de trabalho.

Porém, quando desagrega-se essa informação segundo o gênero, constata-se, segundo dados do Nefrodata (1998), que os homens ganham em média R\$ 7.700 e as mulheres têm um rendimento médio de R\$ 4.500. Também em relação à faixa etária, há grandes diferenças: enquanto os nefrologistas com menos de 40 anos ganham em média R\$ 4.900, os que possuem mais de 40 anos recebem em média R\$ 8.000.

Para guisa de conclusão: alguns aspectos associativos

Como se viu neste estudo, os nefrologistas também enfrentam problemas no pleno desenvolvimento de seu trabalho, não só no que diz respeito às inúmeras atividades a que têm de se submeter para aferir rendimento mensais satisfatórios, como também nas próprias condições de trabalho em que desenvolvem suas atividades diárias, seja em estabelecimentos públicos ou privados, além do próprio desgaste físico a que estão submetidos, dada a natureza do processo de trabalho da especialidade.⁷

Apesar de tudo isso, os dados do Nefrodata (1998) indicam um elevado grau de satisfação com a área: cerca de 65% dos profissionais manifestaram-se ‘satisfeitos’ ou ‘muito satisfeitos’.

Também se verifica um engajamento com as questões políticas concernentes à corporação, ou seja, 47% são sindicalizados, e a maioria está filiada à Sociedade Brasileira de Nefrologia, manifestando uma satisfação quanto a seu desempenho político junto a seus filiados. Contudo, reivindicam que a SBN associe as suas atividades políticas e de promoção da especialidade às questões técnico-científicas, no que se refere aos aspectos de formação, educação continuada e atualização profissionais.

Enfim, acredita-se que este texto responda, em parte, as necessidades e os interesses da Sociedade Brasileira de Nefrologia em conhecer o “perfil” de seus especialistas e que se possa, num futuro próximo, elaborar um estudo que vise efetivamente conhecer, de forma mais abrangente, o mundo do trabalho e da vida desses médicos.

Referências

1. Machado MH, Ávila C, Oliveira ES, Sertã F, Lozana JA, PintoLF, et al. Perfil dos médicos no Brasil. Relatório final

Tabela 10
Médicos nefrologistas por local de moradia segundo renda mensal declarada. Brasil, 1995

Renda mensal declarada (em dólares)	Capitais		Interiores		Total	
	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)	V.Abs.	(%)
Até 500	131	11,2	0	0,0	131	7,7
De 501 a 1000	54	4,6	14	2,6	68	4,0
De 1001 a 2000	437	37,4	188	35,5	625	36,8
De 2001 a 4000	349	29,8	210	39,7	559	32,9
De 4001 a 8000	179	15,3	105	19,8	284	16,7
Mais de 8000	20	1,7	12	2,3	32	1,9
Total	1.170	100,0	529	100,0	1.699	100,0

Obs: A renda modal dos médicos nefrologistas é de US\$1.556 nas capitais e US\$1.658 nos interiores. A renda mediana dos médicos nefrologistas é de US\$1.915 nas capitais e US\$2.595 nos interiores.

Fonte: Pesquisa Perfil dos Médicos no Brasil. Fiocruz/CFM.

Machado MH et al - Perfil dos nefrologistas no Brasil

- (Médicos em Números). Vol. I. Brasil e Grandes Regiões. Rio de Janeiro: Fiocruz/CFM/MS-PNUD; 1996.
2. Machado MH, Rego S, Oliveira ES, Lozana JA, Pereira S, Pinto LF, et al. Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1997.
 3. Oliveira ES, Pinto LF. Os serviços de saúde no Brasil: a capacidade instalada no período 80/92. In: Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambu, Minas Gerais; 1996. p.2135-58. v.4.
 4. Machado MH, Pinto LF. Médicos residentes no Brasil. Artigo apresentado no XXXI Congresso Nacional dos Médicos Residentes. (mimeo). Natal, Rio Grande do Norte; 1996.
 5. Pinto LF. Médicos e migração: a Residência em foco [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz; 1999.
 6. Campos F, Brito P, Rígoli F. O campo dos recursos humanos para a saúde no Mercosul. In: Recursos Humanos em Saúde no Mercosul (Organização Pan-Americana de Saúde). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1995.
 7. Machado MH. Os médicos e sua prática profissional: as metamorfoses de uma profissão [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 1996.